

REFLEXÕES SOBRE GÊNERO EM FREUD E JUDITH BUTLER: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

Alan Bronz

Antes de tudo gostaria de enfatizar o caráter absolutamente preliminar desta apresentação, pois ainda sou um neófito em Psicanálise, o que pode provocar lacunas e distorções nas minhas descrições sobre os fundamentos da disciplina, bem como prejudicar uma discussão mais ampla sobre as implicações das ideias de Judith Butler para a mesma. Portanto, gostaria de me desculpar por eventuais tropeços em ambos os casos.

Em 1999 participei de uma pesquisa, na qualidade de investigado, intitulada “Homens, saúde e vida cotidiana”. Se tratava de um trabalho voltado para o estudo das correlações entre masculinidade ou, como os pesquisadores costumavam designar, “masculinidades” e cuidados com a saúde em geral e saúde sexual e reprodutiva em particular. Participei da pesquisa integrando um grupo formado exclusivamente por homens, que debateu uma série de assuntos relacionados, de forma direta ou indireta, ao seu tema principal. A experiência durou aproximadamente seis meses. Outros grupos ocorreram simultaneamente ao meu em diferentes pontos da cidade, com homens de diferentes classes sociais e etnias. Quando a pesquisa terminou, meu grupo decidiu continuar se encontrando para aprofundar as discussões iniciadas com a pesquisa e, a partir dessa iniciativa, comecei a desenvolver um trabalho voltado para a prevenção de violência de gênero com homens. Trabalho este que realizo de forma intermitente até hoje. Ao longo desses anos acumulei uma quantidade razoável de experiências que sustentam minhas reflexões nesse campo.

Concomitante a este trabalho, na minha clínica particular, também vivi uma experiência marcante e que me ajudou a refletir sobre a temática de gênero. Se tratou de meu primeiro paciente masculino homoafetivo. Com ele ampliei consideravelmente meus conhecimentos acerca deste universo e esta experiência forneceu um contraponto importante para meu trabalho com prevenção de violência de gênero, pois neste âmbito meu contato era apenas com homens heteroafetivos.

O que mais me marcou durante o atendimento deste paciente foi que, reiteradas vezes, ele afirmava que sua predileção sexual sempre recaía sobre homens que em hipótese alguma poderiam demonstrar qualquer traço de comportamento feminino. Além disso, não foram poucas vezes que reclamava quando alguém questionava, mesmo que indiretamente, sua masculinidade. A época e ainda hoje acho estas declarações significativas na medida que coloca em cheque determinadas concepções em nível de senso comum acerca dos homoafetivos masculinos. Aliás, creio que Freud dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) também se surpreenderia com as narrativas deste paciente, uma vez que declara a respeito dos invertidos masculinos, expressão científica para designar os homoafetivos do sexo masculino, o seguinte:

“(…) Não há dúvida alguma de que uma grande parcela dos invertidos masculinos preserva o caráter psíquico da virilidade, traz relativamente poucos caracteres secundários do sexo oposto e, com efeito, busca em seu objeto sexual traços psíquicos femininos. Não fosse assim, seria incompreensível o fato de a prostituição masculina, que hoje como na Antiguidade se oferece aos invertidos, copiar as mulheres em todas as exteriorizações da indumentária e do porte; tal imitação, de outro modo, ofenderia necessariamente o ideal dos invertidos.”

Antes de me engajar em uma formação em Psicanálise meus referenciais teóricos para pensar acerca da temática de gênero foram outros. Estavam relacionados a autores sistêmicos e mais tardiamente aos autores que, hoje, se autodenominam construcionistas sociais. Nestes campos teóricos, a subjetividade ou o que Freud denominava, creio eu, esfera anímica, se encontra primordialmente subordinada as relações que se estabelece com os outros a ponto de sofrer permanentes modificações conforme vamos nos inserindo em diferentes contextos relacionais. Também foram importantes para estas reflexões autores de outras áreas do conhecimento que apresentam muitas afinidades teóricas com a Teoria Sistêmica e o Construcionismo Social, como a filósofa americana Judith Butler, expoente da Teoria Queer e ativista do movimento gay com todas as suas variações de gênero. Portanto, me parece natural que, agora envolvido no estudo da Psicanálise, eu deseje estabelecer uma articulação entre a bagagem de conhecimentos que adquiri aos longos dos anos com esta minha nova aventura intelectual.

Acredito que a grande questão que se coloca nesse exercício está relacionada a possibilidade de estabelecer algum tipo de conexão entre diferentes perspectivas, em princípio, paradigmaticamente distintas. Butler me parece uma pessoa apropriada na busca por uma resposta nesse sentido, pois seu pensamento está em permanente diálogo com a Psicanálise. No entanto, parece que possui uma posição bastante crítica em relação a esta disciplina como produtora de conhecimento a respeito da temática de gênero. No texto intitulado Regulações de Gênero (Cadernos Pagu, volume 42, janeiro – junho de 2004) chega a confirmar a incompatibilidade entre a Psicanálise Lacaniana e os estudos culturais contemporâneos, com os quais se identifica.

O problema principal reside na diferença de concepção sobre cultura presente na obra de Lacan e de Butler. Para o primeiro essa seria como que produzida por uma instância que denominou de “Simbólico”, que teria como principal função salvaguardar leis imutáveis e universais que conformam a sociedade dentro de determinados parâmetros, tendo como principal lei a proibição do incesto. Como resultado, teríamos uma espécie predeterminação para o enquadramento dos indivíduos em papéis bem estabelecidos no processo de permutação sexual. Lacan também afirmaria que existe uma diferença entre leis simbólicas e leis sociais. As últimas, apesar de derivarem das primeiras, não possuem o mesmo status. Para Butler, no entanto, não seria possível apenas pensar em leis dissociadas do contexto de onde surgiram e que a idealização das mesmas seria um mecanismo de preservação de determinados normas sociais que são contingentes e historicamente definidos. Mesmo porque é na convivência do dia a dia que elas adquirem sentido e são reforçadas.

Por outro lado, Butler sustenta que mesmo aquelas relações de gênero que mais se distanciam das convencionais não implodem necessariamente a bem sedimentada dicotomia entre homens e mulheres. Os Transexuais, por exemplo, poderiam muito bem estar localizados no meio do caminho deste binarismo. Além disso, alega que mesmo aquelas processos sociais que reivindicam para si o status de transformadoras de uma moral sexual conservadora, como a judicialização do assédio sexual no ambiente de trabalho, pode acabar reforçando valores que deveriam ser neutralizados. Isso porque partem do princípio que a dominação masculina sobre a mulheres, que estaria na base do assédio sexual, já seria uma

prática estabelecida a priori, quase naturalizada, e que ocorreria independente dos atores envolvidos neste tipo de situação. Creio que deriva daí uma discussão, sempre iniciadas por homens heteroafetivos, sobre a diferença entre assédio sexual e cortejo.

Eu acrescentaria neste mesmo registro a problemática da violência entre parceiros íntimos. Aqui o debate é ainda mais polêmico. As estatísticas nessa área demonstram que as mulheres são as que mais sofrem com este tipo de violência e realmente se faz necessário estabelecer políticas, programas e projetos voltados para homens. Porém, para quem trabalha com casais envolvidos neste tipo de situação, a fronteira entre agressor e a vítima se torna deveras difusa.

Claro está para Butler que, longe de concordar com a concepção Lacaniana de “Simbólico”, procura demonstrar que é da natureza das normas sociais incluir em seu efeito de legibilidade de práticas sociais, incluindo aí as relações de gênero, mesmo aquelas que parecem muito distantes de seus ditames. Por isso parece não alimentar ilusões quanto a efetiva possibilidade de se produzir um reordenamento radical das leis que governam as políticas de trocas sexuais e se contentaria em promover a ideia de que o gênero não seria redutível a heterossexualidade hierárquica, conforme reforça alguns enquadramentos feministas sobre as relações de gênero e que se deve estabelecer uma distinção entre sexualidade e gênero. Nesse caso a opção por uma determinada prática sexual, como o sexo anal por exemplo, não definiria o pertencimento a uma determinada configuração de gênero e vice versa. O que corrobora a narrativa de meu primeiro paciente masculino homoafetivo, descrita no início do texto, a respeito de sua própria sexualidade.

A proposta de localizar o Transexualismo como o meio do caminho no binarismo homem/mulher parece, a princípio, que se compatibiliza com a ideia de Freud a respeito da bissexualidade inerente a qualquer ser humano. O problema é que, pelo menos nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, ele é sempre um ponto de partida e nunca uma linha de chegada e a busca por uma legitimação de relações de gênero disjuntivas de uma visão mais tradicional seria virtualmente impossível de inferir a partir das ideias ali delineadas. A sexualidade é sempre referida a uma finalidade última, mais especificamente a atividade reprodutora. Práticas sexuais que não conduzam a este caminho são incorporadas por Freud como parte do processo de desenvolvimento normal da sexualidade, mas nunca se

justificam por si só. Além disso, o processo de construção da sexualidade feminina é sempre subordinado ao do masculino, talvez reproduzindo e reforçando uma concepção de gênero heterossexual hierárquica. Isso fica mais claro quando o autor sustenta em *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade* (1905) que:

“Com respeito às manifestações auto eróticas e masturbatórias da sexualidade, poder-se-ia formular a tese de que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino. A rigor, se soubéssemos dar aos conceitos de “masculino” e “feminino” um conteúdo mais preciso, seria possível defender a alegação de que a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher.”

Além disso, Freud parece corroborar, na mesma obra, a tese de que a violência é uma característica inerente a sexualidade masculina quando afirma que:

“No tocante à algolagnia ativa, o sadismo, suas raízes são fáceis de apontar nas pessoas normais. A sexualidade da maioria dos varões exibe uma mescla de *agressão*, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica talvez resida na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de outra maneira que não mediante o ato de *cortejar*. Assim, o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamentos para o lugar preponderante.”

Butler, em uma entrevista concedida em 2008 a Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen, intitulada *Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler* (Revista de Estudos Feministas, volume 18, janeiro – abril 2010), alega que nos movimentos sociais que trabalham questões relativas a gays, lésbicas, bi, trans, intersexo existe uma grande desconfiança em relação a disciplina como se ela fosse nada mais do que um dispositivo social regulador e que visa a normalização. Acredita também que mesmo aquelas psicanalistas feministas que são referência, ligadas principalmente a teoria das relações objetais, acabam por basear suas ideias

em um modelo de relação primária entre homens e mulheres e buscam compreender a diferenciação de gênero em relação a uma busca por identificação ou diferenciação em relação a mãe e que isso não seria suficiente para compreender gênero de uma forma mais ampla quando confrontado, por exemplo, com as vivências dos Transexuais. Mesmo assim, Butler conta que o ensaio de Freud, *A pulsão e suas vicissitudes*, que leu aos 22 anos de idade, lhe é muito cara e esta impressão foi mais tarde reforçada por Laplanche quando em sua obra *Vida e morte da pulsão* sustenta que a pulsão não necessariamente precisa se vincular a uma função social de reprodução e sempre pode se desviar de um objetivo social específico, ou seja, seria como uma força relativamente anárquica. Imagino que seja por isso que em *Regulações de Gênero* (2006) ela declara que:

“(…) que o desejo é radicalmente condicionado sem alegar que ele é radicalmente determinado, e pode-se reconhecer que existem estruturas que tornam o desejo possível sem alegar que essas estruturas sejam atemporais e resistentes, impermeáveis às mudanças e deslocamentos.”

Mesmo com todos os questionamentos que Butler realiza a respeito da Psicanálise no que diz respeito a forma como compreende o processo de construção da sexualidade nos seres humanos, defende que, tanto a disciplina, quanto os movimentos sociais poderiam beneficiar-se mutuamente em suas ideias e práticas.

Os movimentos sociais poderiam se utilizar da Psicanálise para, digamos, sofisticar muitos de seus argumentos relacionados, por exemplo, a como o poder social toma forma na psique e promove a regulação social e a normalização, como pensar o que seria “corpo natural” e enriquecer o pensamento relativo a temas importantes para a causa como o desejo, a identidade e a solidariedade.

A Psicanálise, por sua vez, deveria pensar a psique não como uma esfera autônoma, mas radicalmente imbricada nos processos nos moldes propostos por Foucault em que não existe somente um sujeito pré-existente, mas um sujeito que é também delimitado pela regulação social, e se envolver em uma maior interlocução com os estudos culturais contemporâneos. Seriam estes para Butler, portanto, os principais desafios com os quais teóricos e clínicos deveriam se debruçar no intuito de promover um encontro entre a Psicanálise e o campo de estudos de gênero.